

# Virada nas pesquisas

O governo, com a mesma cara depois da plástica da reeleição, dá os primeiros passos olhando para cima, assobiando, fingindo despreocupação e euforia, mas não consegue enganar a si mesmo nem a ninguém: desde a posse mais chocha e gelada que se tem notícia, parecendo as de transmissão do comando de quartel do rodízio de generais-presidentes da Redentora, que a onda de pessimismo e descrença do povo varre o país na ressaca da indiferença.

Por enquanto, essa é a marca da reação da sociedade: indiferença, vazia e oca como a alma perdida nos desenganos do destino. Pior do que o protesto, a raiva, a indignação e a vaia, que são manifestações de vida, do inconformismo que se agarra em restos de esperança.

O silêncio da imensidão dos espaços de Brasília, a apatia dos dois ou três mil curiosos que enfrentaram a tarde cinzenta, que é a cor da tristeza, do primeiro dia do último ano do século, ressoou na tela da TV como o surdo ruído do desabamento de edifício implodido. A estréia da reeleição juntou menos gente do que a posse de prefeito no menor dos municípios. A Praça dos Três Poderes deserta, meia dúzia de gatos-pingados espiando a passagem do solene cortejo presidencial, parecia cena de opereta montada por companhia pobre, sem dinheiro para contratar figurantes.

Foi das coisas chocantes que assisti, ao vivo ou pela televisão. O comício dos ausentes, o grito da mudez, o frio desdém do desinteresse.

Talvez o inesperado, ou o inusitado do protesto, explique a demora das avaliações políticas, a análise do seu significado e da sua preocupante importância.

Entende-se que o governo tenha embarafustado pelo desvio das justificativas óbvias. O mau tempo afastou os precavidos. Depois, a reeleição não tem mesmo o sabor da novidade, é a continuação do sabido. Tanto que o presidente foi reeleito, a 4 de outubro e em primeiro turno, por quase 36 milhões de votos. Na rota do despiste, o presidente Fernando Henrique Cardoso compensou a modéstia da cerimônia no Palácio do Planalto de estréia da nova faixa, mais folgada para cair sem dobras nas medi-

das exatas do busto, e do jantar para 114 convidados no Palácio da Alvorada, com a exibição da mais esfuziante alegria no sorriso aberto, na descontração das conversas, na graça das piadas.

Quase que o truque pega. Mas, não dá para tapar com o faz-de-conta o mais importante recado do eleitor, depois do voto.

Recado que vai pingando devagar, gota a gota. A escassa presença de parlamentares na sessão do Congresso foi abafada pela emoção do improvisado do senador Antônio Carlos Magalhães e pelas clássicas futricas sobre os descontentamentos dos desavindos integrantes do elenco da base de apoio.

Agora, chegam as pesquisas, confirmando o recado a meia voz, como sussurro ao pé do ouvido, mais de advertência do que de indignação, ainda contida na garganta. A revista *Veja* doura a pílula, mas não esconde o amargo dos números que se misturam nos índices ainda satisfatórios, como os 40% de avaliação de ótimo e bom da pesquisa do Ibope "às vésperas da posse" ou dos apenas 15% que qualificam o governo de ruim ou péssimo. O desalento murcha a expectativa do futuro: os 23% de pessimistas, há quatro anos, encorparam para 41%, quase o dobro.

E não é só. Pesquisa da Vox Populi registra que o índice de satisfação popular está no seu ponto mais baixo e a nuvem de descrença no êxito do segundo reinado bate ponto em 36%.

Para compor o fundo do quadro, prevêem-se dificuldades para baixar os juros com a fuga de capitais registrada em dezembro. Fica difícil entender: se os juros no teto do mundo, com efeitos perversos sobre a dívida pública e externa, a atividade produtiva e o desemprego não conseguem deter a saída do capital especulativo, então por que continuamos a nos encalacrar e não os baixamos a nível decoroso?

Só porque o FMI não deixa?

**A Praça dos Três Poderes deserta parecia cena de opereta montada sem figurantes.**